



Faculdade Batista
do Rio de Janeiro

Seminário Teológico
Batista do Sul do Brasil

Davi Guilherme de Oliveira Cipreste Freire

O livro de Daniel e a valorização da cultura judaica.

A relação entre a investida helênica e a manutenção da cultura dos Israelitas.

Rio de Janeiro
Julho de 2021



Faculdade Batista
do Rio de Janeiro

Seminário Teológico
Batista do Sul do Brasil

Davi Guilherme de Oliveira Cipreste Freire

O livro de Daniel e a valorização da cultura judaica.

A relação entre a investida helênica e a manutenção da cultura dos Israelitas.

Trabalho apresentado à Faculdade Batista do Rio de Janeiro, como requisito de avaliação à Disciplina de Pesquisa Científica 3. Este trabalho foi orientado pela Prof.a Dra. Tereza Akil

Rio de Janeiro
Julho de 2021



Faculdade Batista
do Rio de Janeiro

Seminário Teológico
Batista do Sul do Brasil

Davi Guilherme de Oliveira Cipreste Freire

O livro de Daniel e a valorização da cultura judaica.

A relação entre a investida helênica e a manutenção da cultura dos Israelitas.

Professora orientadora Dra. Tereza Akil

Professor (a) da Banca

Professor (a) da Banca

Rio de Janeiro
Julho de 2021

Dedicado:

À minha esposa Camila, amiga, companheira, amante e tantas outras virtudes que eu não posso descrever, apenas agradecer ao bom Deus por me dar você.

À minha filha Giovanna, lindo presente do Senhor a minha vida. Sua chegada me mostrou que posso fazer mais do que imagino.

À minha mãe, intercessora e incentivadora e ao meu pai, que me ensinou a nunca desistir de nada que eu julgue importante.

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradecer a Deus, por me permitir realizar esse sonho que parecia impossível. E principalmente por me permitir realiza-lo sendo missionário urbano da IBV, casado com Camila, pai de Giovanna e com a presença dos meus pais, sogros, irmão, cunhadas, sobrinhos e todos os familiares a qual tanto estimo.

Impossível não agradecer a minha esposa, mulher de Deus, que com muita paciência e sabedoria soube incentivar, ouvir, encorajar e me amar nesse tempo de muitas batalhas, dúvidas e sonhos em construção. Sua presença com certeza fez minha trajetória ser muito mais leve e agradável. Te amo!

Agradecer aos meus pais e meus sogros, que sempre foram incentivadores, financiadores, intercessores e amigos nesse processo. Obrigado por serem nossa base em todos os momentos.

Minha gratidão a minha amada igreja e ao grande pastor desta casa por serem canal de Deus para nos manterem, nos amarem e cuidar de nós nesse tempo. Obrigado por me permitir crescer como ministro do evangelho entre seus muros.

À minha orientadora, Tereza Akil que com suas aulas despertou o meu interesse pelo estudo do Velho Testamento e me conduziu no processo tão prazeroso dessa pesquisa. E aos demais professores dessa casa que com seus ensinamentos me ajudaram a compor esse trabalho e minha formação holística.

E por fim, meu carinho e admiração a cada investidor nesses quatro anos de caminhada (Vanderlei e Dione, Marcos e Maria Luiza, Willians Jr e Michele, Beto, Almir e Marinês, Willians e Cristina, Edirani e Marcia, Fernando e Leticia, Lindberg e Edna, Tiago e Aline, Djalma e Cátia, Igreja do Nazareno em Campo Grande e Igreja Batista da Vitória), pois sustentaram minhas mãos para que essa etapa fosse vencida. Que o Senhor lhes recompense e os guie na continuidade de abençoar o reino dos céus enquanto Jesus não vem.

E Daniel propôs no seu coração não se contaminar com a porção das iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; portanto pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não se contaminar. (Daniel 1:8)

RESUMO

O livro de Daniel representa um escrito apocalíptico, ou seja, é um texto de resistência. O livro leva o plano de fundo da babilônia, porém é conhecidamente um escrito da época de Antioco Epifânio, rei selêucida do tempo dos gregos. A intenção do autor formar esse texto reside principalmente no fato dos judeus estarem sendo altamente influenciados pela cultura grega, e por Antioco estar denegrindo o símbolo maior dos Israelitas, o Templo. O autor então se propõe a chamar os seus compatriotas a resistirem as influencias sobre a sua cultura, modo de viver e religião.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura, Imperialismo, Judeus, Gregos, Antioco Epifânio, Resistência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. HELENISMO E CULTURA JUDAÍCA	10
3. O LIVRO DE DANIEL.....	23
4. BREVE COMENTÁRIO SOBRE DANIEL.....	32
5. CONCLUSÃO.....	42
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

1. INTRODUÇÃO:

Esta monografia tem por temática O livro de Daniel e a valorização da cultura judaica. A relação entre a investida helênica e a manutenção da cultura do Israelitas.

A pesquisa é consequência de um estudo inicial sobre o livro de Daniel feito durante a avaliação da matéria de exegese do antigo testamento, onde foi apresentada a datação, possível escritor, possíveis destinatários e a intenção e exegese do livro.

Nesse estudo inicial sobre o livro de Daniel e a valorização da cultura judaica, o interesse pelo assunto cresceu na medida em que se constatou que:

- a) O helenismo influenciou a cultura judaica e isso causou uma contra resposta;
- b) O livro de Daniel foi provavelmente esse contra resposta;
- c) Os capítulos 1-6 de Daniel possuem um teor diferente dos capítulos 6-12.

Diante disso, a relevância deste trabalho e do seu tema encontra-se ligado na área teológica, pois esclarece as reais intenções do autor e seu desejo para a comunidade judaica.

Este trabalho tem por objetivo mostrar como a comunidade judaica reagiu ao helenismo implementado no mundo através de Alexandre o Grande.

Partindo do objetivo acima exposto, esta monografia tem a seguinte hipótese: O livro de Daniel foi escrito contando as histórias de jovens exilados na babilônia para mostrar como os mesmos resistiram a aculturação, foram guardados por Deus e prosperaram mesmo em uma cultura adversa.

Este trabalho, que tem por base fontes estritamente bibliográficas, fará uso do método histórico-crítico, ou seja, serão feitas pesquisas sobre o momento histórico comparando-os com os textos afim de conhecer o processo e a intenção dos seus escritos.

Para investigar o tema proposto, este trabalho está construído de três partes.

A parte 2, 'Helenismo e cultura judaica', apresentará o que é o Helenismo, como esse movimento influenciou no mundo antigo e como isso entrou em contato com os judeus e as seguintes consequências.

Na parte 3, "O livro de Daniel", apresentarei os dados do livro como seu contexto histórico, sua datação, autoria, redação e temas.

Concluindo a pesquisa, na parte 4, "Breve comentário sobre o livro de Daniel",

farei um resumo de diversas histórias descritas no livro e sua aplicação e relação com o momento que foi escrito.

Esta monografia espera contribuir para um melhor esclarecimento sobre as reais intenções do livro e com isso abençoar seus leitores.

2. HELENISMO E CULTURA JUDAICA

Nessa parte será apresentada como se estabeleceu as culturas helênica e judaica, e como foi o encontro das duas.

2.1. ISRAEL COMO NAÇÃO

O povo de Israel após a conquista da terra prometida, demorou tempo considerável para se entender como nação. Eles apesar de descendentes de um patriarca em comum, assim como seus vizinhos Edom, Moabe e Amom, demoraram muito tempo para se entenderem como um único povo, viviam em seus clãs e a única coisa que os uniam era sua devoção a Javé, assim como diz Donner¹:

De início Israel não era muito mais do que uma associação de tribos politicamente muito solta, territorialmente heterogênea, internamente não isenta de tensões, mas unida pela adoração conjunta ao Deus Javé. Essa associação deixava a preocupação com a segurança externa e interna por conta de cada um dos próprios clãs e tribos; em casos de emergência, também a agrupamentos de tribos. Expresso de forma israelita: deixava o salvamento de perigos e de ameaças por conta de Javé, que, de caso era caso, despertava carismáticos para afastar perigos de Israel e de seus membros.

A constituição de um Reino, ou seja, um Estado, na forma monárquica, que é a entendida na época, onde o governante deveria ser uma espécie de grande chefe patriarcal das tribos é ainda vista com maus olhos por grande parte do povo. Isso se expressa bem, segundo Donner² em Juízes 8:22, que diz:

Então os homens de Israel disseram a Gideão: Domina sobre nós, tanto tu, como teu filho e o filho de teu filho; porquanto nos livraste da mão dos midianitas. Porém Gideão lhes disse: Sobre vós eu não dominarei, nem tampouco meu filho sobre vós dominará; o Senhor sobre vós dominará.

¹ DONNER, Herbert. História de Israel e dos povos vizinhos. 2.ed. Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997. v. 1.. p 197

² Ibid. pag. 199

O governo teocrático ainda era a única opção possível no imaginário do povo, apesar das tentativas isolada de alguns de implementarem um governo único e também das sucessivas invasões de povos vizinhos. Porém de acordo com o relato bíblico em 1 Samuel 8, essa mentalidade começa a mudar com a preocupação dos anciões com a forma que os filhos de Samuel exercem o papel de juizes do povo. Assim, os Israelitas expressam uniformemente o desejo de criar uma instituição governamental diferente daquela praticada até então em Israel.

Eles desejam então a formação de um governo único, que em tese deveria ter uma capital, um exército e uma administração central. Porém o que se vê na primeira formação monárquica de Israel, com Saul como Rei é ainda um embrião desse pensamento. Segundo Donner³, 'Saul não é constituído rei de imediato; no início, ele não é, essencialmente, nada mais do que os carismáticos da época dos Juizes. Continua assim inclusive em sua primeira aparição pública, que é, de certa maneira, seu teste comprobatório'. Segundo o relato bíblico, o Rei em suas primeiras batalhas ainda nem possui um exército e sim luta com os valentes das tribos.⁴

A vitória contra os amonitas relatada em 1Samuel 11, torna então o líder carismático Saul em um Rei proclamado em Gilgal, diante do povo e diante de Javé. Agora há uma instituição governamental e um comandante militar permanente. Essa história mostra como o povo escolhia seus líderes, ou seja, 'os reis Israelitas se apresentam sobretudo como chefes militares'⁵

Davi então não foge dessa prerrogativa, ainda em seu período como um guerreiro de elite de Saul, é elogiado por sua capacidade militar com a frase: " Saul matou mil, mas Davi matou dez mil"⁶. Assim vai de um dos maiores guerreiros do Reino, a maior ameaça ao Rei. Consequentemente se torna um fugitivo, forma um exército com outros excluídos⁷ e tornasse a princípio um vassalo dos Filisteus e depois rompe com o inimigo e se torna um herói para os moradores de Judá ao destruir os amalequitas e distribuir os despojos entre seus moradores. Então já com Saul morto, Davi é ungido com Rei de Judá, porém esse não se torna uma oposição a dinastia de

³ DONNER, Herbert. História de Israel e dos povos vizinhos. 2.ed. Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997. v. 1.. p 206

⁴ 1Sm11:6

⁵ Cazelles, Henri. História política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno. Tradução: Cácio Gomes. São Paulo. Paulinas. 1986. p. 123

⁶ 1 Sm 29:5

⁷ 1 Sm 22:2

Saul, e sim se apresenta como um reino parceiro a Israel como o reino de Moabe e Edon.

O Rei de Judá então é admirado por sua capacidade militar e pelas suas vitórias em suas fronteiras e ' Israel sentia, cruelmente a ausência de um chefe capaz.' ⁸ É então que com a morte de supostos sucessores de Saul, Davi é proclamado Rei de Israel. Seu primeiro teste vem com a investida dos Filisteus que se sentem ameaçados pelo reino unificado, porém são destruídos, além disso destrói os Jebuseus que viviam em Jerusalém desde os tempos de Josué e institui a capital do Reino unificado de Israel, a cidade de Davi.

Agora a monarquia possui as três características de um estado, uma capital, uma administração central e um exército profissional. Jerusalém então ocupa uma posição geograficamente interessante, auxiliando na comunicação entre os reinos e entre o leste e o oeste, porém o culto a Javé ainda não possui um local e um ritual próprio, ocupando apenas uma tenda onde se encontra a arca da aliança.

Nessa necessidade que nasce o Reinado de Salomão, que diferente dos outros reis anteriores, não possui em suas prerrogativas a característica de um guerreiro e sim de um sábio administrador, segundo Cazalles⁹: 'com ele irá prevalecer a sabedoria diplomática e administrativa'.

No plano de atuação de Salomão parece que não há o desejo pela expansão do reino, principalmente por vias de confrontos militares. Isso se deve ao fato de Davi já ter destruído os inimigos mais agressivos e também o fato dele não considerar favorável a expansão do território além daquilo que consiga administrar. Sendo assim 'o império havia superado o estágio da ofensiva. Agora só importava manter seus limites e, quando necessário, partir para a defensiva.' ¹⁰.

Salomão então implementa a administração conforme a sabedoria política do Oriente. Diferente de Davi, que possui em seus cargos oficiais apenas o sacerdote, o arauto, o chefe do exército e o chefe da sua guarda, o Rei atual, além desses cargos cria o papel de 'dois secretários reais, um chefe dos prefeitos, um mordomo que administra os bens da coroa e um chefe da corveia para os trabalhos públicos.'¹¹ Para

⁸ Ibid. p140

⁹ Cazelles, Henri. História política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno. Tradução: Cácio Gomes. São Paulo. Paulinas. 1986. p. 145

¹⁰ Donner, Herbert. História de Israel e dos povos vizinhos. 2.ed. Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997. v. 1.. p 252

¹¹ Cazelles, Henri. op. cit., p.147

formar administradores capacitados para ajudar na gestão de seu governo, Salomão implementa a escola de escribas, aquilo que será o início das escolas de sabedoria em Israel. Ele também centraliza as ações cultuais a Javé e centraliza as decisões em um único sacerdote responsável pelo templo, segundo Otzen¹², ele é o responsável por criar um 'culto nacional centrado no novo templo em Jerusalém. '

O filho de Davi se torna então não só o rei mais representativo da história, como o mais poderoso e sinônimo de grandiosidade, até os evangelistas séculos depois expõe como o imaginário sobre Salomão estava presente na cultura judaica, conforme podemos ver em Mateus 6:29 que diz: 'nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. ', ou seja a identidade judaica está atrelada a grandeza do reinado Salomão e seus feitos. E em Mateus 12:42 diz: "E eis aqui está quem é maior do que Salomão!", explicitando que na compreensão semita, o terceiro reinado de Israel era inatingível.

Porém a grandeza do reinado unificado Israelita se encerra com a morte de Salomão. O território é dividido entre norte e sul, o primeiro assume Jeroboão e inicia a 3ª dinastia de Israel, e a segunda mantém a dinastia davídica com Roboão e apenas duas das 12 tribos em seus domínios.

O Norte após sucessivas tentativas nunca mais se tornou um governo estável, conviveu com incontáveis regicídios e apesar de ter um considerável poder político comparado com o Sul, nunca alcançou a grandeza desejada. Cada vez mais se aproximou da cultura cananeia-fenícia e se afastou do culto a Javé. Até que foi invadida pelos Assírios em 722 a.C., dividido em províncias e incorporado ao império.

O Sul talvez diferente do que os separatistas acreditavam teve uma administração mais estável. Segundo Otzen, 'por quatrocentos anos os herdeiros de Davi ocuparam o trono em Jerusalém'¹³. Apesar de momentos de distanciamento, o governo centralizador sempre se voltava ao culto a Javé, porém igualmente ao seu vizinho nortista o reino foi invadido pelo Babilônicos, porém só em 587 a.C., ou seja, resistiu um século a mais as pressões das potências ao redor. Todavia também teve sua terra anexada ao império e teve seu símbolo maior destruído, o Templo de Salomão.

¹² Otzen, Benedikt, O judaísmo na antiguidade: a história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o Imperador Adriano. Tradução: Rosangela Molento Ferreira. São Paulo. Paulinas. 2003. p.15

¹³ Otzen, Benedikt, O judaísmo na antiguidade: a história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o Imperador Adriano. Tradução: Rosangela Molento Ferreira. São Paulo. Paulinas. 2003. p.15

2.2. CULTURA JUDAICA

A sabedoria em modo geral pode ser compreendida como a habilidade de fazer algo, ou seja, o sábio é aquele que se utiliza do seu conhecimento de vida para viver bem nos diversos momentos da vida cotidiana, dessa forma o sábio era aquele que através da observação, discrição, prudência, astúcia, sagacidade enfrentava os problemas existenciais como a desigualdade social, as injustiças, a morte e a relação com o divino.

Pela necessidade de se retransmitir os conhecimentos de uma geração para outra, desenvolveu-se a formalização da sabedoria¹⁴ que foi escrita de forma poética pois assim os leitores não apenas poderiam compreendê-la, mas sim senti-la. E essa formalização se mostra em ditos e provérbios, o primeiro descrevendo um fato e o segundo uma regra¹⁵. Essa sabedoria não é necessariamente religiosa apesar de suas 'escolas de instrução' serem vizinhas dos santuários, mas não somente deles, mas também das cortes¹⁶. Sendo assim, os sábios estão envolvidos pelos conhecimentos religiosos e administrativos criando uma tríade importante para auxiliar os reis em suas tomadas de decisão que impactam todo o povo.

Segundo Ziener, mesmo sendo impossível determinar quanto a sabedoria influenciou o povo de Israel antigo, é certo que no reinado de Salomão, o estado adquiriu um interesse maior pelo desenvolvimento de escolas de sabedoria em seus territórios.¹⁷ Essas escolas formariam os sábios necessários para o melhor funcionamento do reino e para responder as demandas do povo, sendo assim o funcionalismo sustentador do Estado¹⁸

Dessa maneira, cria-se uma camada social capaz de formular sentenças que expliquem o mundo ao redor do homem, que deve ser estável e ordenado, desenvolvendo um pensamento otimista e pragmático, porém que encontra nas questões paradoxais uma explicação mais especulativa e questionadora, exemplo disso estão os livros de Jó e o Qohélet.¹⁹

A sabedoria então em Israel se desenvolveu no pré-exílio e permaneceu ainda

¹⁴ Cazavechia, William Robson. Sabedoria e Educação na antiguidade: a literatura sapiencial judaica. IX EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar. Maringá. 2015. p. 3

¹⁵ Apud loc. cit.

¹⁶ Apud Ibid. p. 4

¹⁷ Apud loc. cit.

¹⁸ Apud loc. cit.

¹⁹ Apud ibid. p. 5

no pós-exílio, em 1º Reis 4:29-34, vemos como a Sabedoria de Salomão se tornou conhecida e valorizada, pois era parte integrante de uma visão de governo que vigorou na vida de seus governados. Por suas atuações institucionais e por suas contribuições culturais, a tradição então encontrou em Davi e Salomão responsabilidade por boa parte dos salmos e escritos sapienciais.

Esses ensinamentos falam sobre crenças, valores e práticas que foram por alguém anteriormente testado e aprovado pela vida e que agora compartilha seus conhecimentos. A sabedoria então passa a ser um sistema de valores, uma forma de viver!

Os ensinamentos são variados, porém poderíamos dividir em 4 áreas, conforme aponta Wolff,²⁰ em a sabedoria da natureza (conhecimento de botânica e zoologia), a sabedoria dos reis e oficiais do governo, a sabedoria educacional voltada para enfrentar o cotidiano e a sabedoria teológica, onde o temor ao Senhor é o princípio da sabedoria. Para os que buscavam a sabedoria, essa não era uma maneira apenas de viver para Deus. A sabedoria era para a vida como um todo, como no 'ambiente natural, nos eventos históricos, nas relações sociais, na ordem política, nos assuntos familiares, no trabalho cotidiano e na fé'²¹

Segundo Linde²² em seu primeiro momento, a sabedoria busca o sentido das coisas, Deus está no centro disso, ele então é o início e o término de tudo. O pensamento sapiencial se teologiza. A sabedoria tradicional então é aquela guiada pelo otimismo e que conduz o indivíduo a harmonia perfeita com a natureza e os seres humanos. Essa visão sem medos baseia-se na retribuição temporal e histórica, ou seja, Deus premia os bons e fiéis e aos maus é dada a derrota.

Esse entendimento então torna-se a crise da sabedoria tradicional, pois quando o equilíbrio é testado a sabedoria toma traços mais questionadores e dialogais. Principalmente com o exílio, estas afirmações são contrastadas pois o ímpio passar a ter sucesso e o justo depara-se com o sofrimento.

Instaura-se então um segundo momento da sabedoria, onde ela sofre gigantescas interrogações pautadas na morte, no sofrimento, na separação e prosperidade dos ímpios. O exílio força a sabedoria a se reinventar, a lei da retribuição

²⁰ Apud loc. cit.

²¹ Cazavechia, William Robson Sabedoria e Educação na antiguidade: a literatura sapiencial judaica. IX EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar. Maringá. 2015. p. 5

²² Apud ibid. 6

divina não mais reponde todas as questões, como a sabedoria tradicional se propunha a fazer. Esse sistema de valores é provado empiricamente e é refutado pela vitória dos invasores sobre Israel, dessa maneira é necessária uma nova forma de se explicar a vida, o divino e o mundo ao redor.

2.3. HELENISMO

A mentalidade grega começa a ser formada muito antes das ações grandiosas de Alexandre, o Grande. Ela inicia pela dominação das cidades em volta do Mediterrâneo e do mar Negro, cidade essas formadas por gregos e demais já pertencentes a terra, porém agora assumiam vínculos políticos e econômicos com a sua cidade-mãe. Essa dominação se consolida no ocidente deixando apenas a costa síria e a parte ocidental do norte da África de fora. Ou seja, o ocidente deixou de ser um punhado de pequenas civilizações e se tornou um povo com um regime político, uma língua e uma cultura comum aos pertencentes as colônias gregas.

Séculos depois, com a expansão do domínio persa sobre as regiões da Síria, Palestina, Egito e Ásia Menor, a Grécia sente-se ameaçada com a investida de uma superpotência oriental. Com a investida persa, e as resistências gregas, a cultura ocidental é marcada pela vitória. Esse fato leva a reflexão sobre as diferenças entre o 'oriente' e o 'ocidente', levando a criação de muitas literaturas, poesias e ficções alusivas. Dessa maneira, a resistência aos poderosos mostrava a superioridade da educação, da cultura e dos deuses gregos, fato esse que foi sendo enxergado e passado entre gerações e diversas nações até mais tarde ao Romanos.

Os gregos então convivem com o assédio persa em seus limites. Até que a os Macedônios, herdeiros dos gregos, porém com traços culturais e geográficos que os diferenciavam dos demais moradores da Grécia, assume o controle desbancando Atenas, Esparta e Tebas. E dão um novo rumo a missão grega no mundo. Felipe II, rei da Macedônia, unifica os gregos na missão de submeter os persas, porém com seu assassinato, é seu filho que assume a missão, como resume Donner²³:

O império persa dos Aquemênidas não ruiu por fraqueza interna, mas fracassou por causa de sua política de expansão. Tendo, de modo geral, um Oriente pacificado e unido atrás de si, os grandes reis,

²³ DONNER, Herbert. História de Israel e dos povos vizinhos. 2.ed. Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997. v. 1.pag 456

passando pela Ásia Menor Ocidental helenizada, avançaram sobre território europeu e, aí, deram de encontro com as cidades-estados da Grécia, que de modo algum estavam dispostas a deixar-se enquadrar na estrutura do império persa. Travaram-se as guerras persas, cheias de vicissitudes, que duraram mais de um século e meio e que naturalmente não podem ser descritas aqui. Aliás, as fontes informaram mais acerca dos efeitos das guerras persas sobre o sistema de poder das cidades gregas — sobretudo Atenas, Esparta e Tebas — do que sobre suas consequências para o império persa. Em todo caso, a situação só mudou em favor da Grécia quando os macedônios, sob Filipe II (359-336), conseguiram superar a rivalidade das cidades-estados, unir os gregos e, com isso, iniciar a formação de uma nação grega. Os frutos dessa política foram colhidos por Alexandre Magno, que, no ano de 333, venceu Dario III Codomanos na batalha de Issos, assumindo, depois disso, a herança do império persa. O Oriente unificado pelos aquemênidas caiu no colo de Alexandre como uma maçã madura (A. Alt). Com isso começou para o Oriente Próximo o período do helenismo.

Alexandre Magno, o Grande, então inicia seu reinado aos seus 20 anos, após a morte de seu pai, ele que fora preparado desde pequeno para alçar grandes posições, recebeu educação grega, teve como professo o filósofo Aristóteles e aprendeu com o pai as artes da guerra.

É com essa base deixada por seu pai, que Magno já tem vitória em sua primeira grande batalha e vence o rei persa Dario III, na famosa batalha em Isso, e inicia sua empreitada sobre todo o Oriente. Após essa batalha a conquista sobre a Síria, Fenícia, Samaria e Jerusalém são feitas sem grandes esforços, só encontrando maiores dificuldades em Tiro. O Egito também se rende facilmente e a fundação da cidade de Alexandria torna-se um dos símbolos desse novo tempo sobre o Oriente que é explorado até a chegada a Índia.

Porém o reinado de Alexandre não dura muito tempo, apesar de impactar grandemente o mundo antigo, e de lançar as bases para o helenismo, aos ‘trinta e três anos ainda incompletos, adoeceu e morreu na Babilônia, lugar que escolhera para transformar em capital do seu império’.²⁴

Na administração de Magno novas cidades gregas haviam sido fundadas sobre todo o território conquistado, para servir de apoio militar e administrativo. Lugares que foram sendo povoados por gregos que emigraram para elas, exercendo assim papel decisivo nas transformações desses lugares em cidades helênicas, além de servirem

²⁴ Koester, Helmut, Introdução ao Novo Testamento, volume 1: História, cultura e religião do período helenístico. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo. Paulos. 2005. p. 11

para a estabilidade do novo domínio após a morte do Rei. Essas localidades começaram a servir de dispersores da cultura e administração helênica.

Porém se a intenção de Alexandre era difundir a cultura grega e criar uma nova nação, agora composta por gregos e persas ‘convertidos’ ao helenismo²⁵, infelizmente não foi o que ocorreu. Os generais que assumiram as terras do Oriente fizeram com que as disparidades entre os gregos e os demais habitantes fossem ainda maiores. Apesar da língua, educação e cultura gregas se difundirem, os gregos ‘puros’ eram os que ocupavam os postos importantes na administração e no exército, ou seja, não havia integração e reconhecimento a quem fosse estrangeiro.

Dessa maneira, os reinos dos Selêucidas e dos Ptolomeus não tinham como intenção helenizar o oriente apesar de tomarem decisões que levaram a difusão da cultura dos gregos sobre o novo reino. Decisões essas como: fundar cidades nos principais centros, que muitas vezes levavam os nomes de cidades do Grécia, e que tinha seus próprios ginásios, práticas econômicas e administrativas gregas, além de funcionarem principalmente como bases militares. Além disso, por mais que não atingissem o interior das localidades conquistadas, permitindo com que os povos mantivessem seus vernáculos e seus costumes culturais e religiosos, exigiam que toda documentação e tratativa fossem feitas em língua grega, o que não deixava de ser uma influência nessas comunidades interioranas.

Basicamente os gregos não haviam desenvolvido uma ideia de como iriam gerir todo o novo reino, pois seus conceitos de administração eram baseados nas cidade-Estado, ou seja, para pequenos reinos. Além disso, encontravam o desafio das diversas culturas presentes na nova aquisição, principalmente na costa Síria e na Fenícia recheadas de diversos povos distintos num pequeno espaço. Dessa maneira, os macedônios receberam as administrações herdadas pelos persas, assim como eles haviam recebido dos Babilônicos, porém o sucesso dos gregos em detrimento dos demais estava no fato que ‘nenhum conquistador tivera: uma economia altamente desenvolvida, incluindo sistemas monetários consolidados, que podia ser aplicada imediatamente para estimular o crescimento econômico dos novos reinos’²⁶. Inclui a isso o fato das descobertas de rotas marítimas para a Índia e a expedição para o

²⁵ O termo ‘Helenismo’ foi empregado apenas no século XIX por J. G. Droysen, que tomou um sentido contrário ao empregado até então, servindo agora para mostra aculturação do Ocidente sobre o Oriente durante o reinado de Alexandre até o início do cristianismo.

²⁶ Koester, Helmut, Introdução ao Novo Testamento, volume 1: História, cultura e religião do período helenístico. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo. Paulos. 2005. p. 47

Sudão, que serviram como gerador de riquezas. Adiciona a tudo isso o vislumbre pelo funcionamento das cidades gregas que os outros povos tiveram, assim explica-se o sucesso dos gregos em seu domínio sobre o oriente.

2.4. HELENISMO VESUS JUDAISMO

A história dos Israelitas com o exílio inicia-se com os Assírios no Reino do Norte e com o Babilônicos no Reino do Sul, como já vimos acima. O segundo invasor já havia anexado o império do primeiro antes da entrada em Judá, porém este é conquistado pelo império que mais tempo permanecerá no poder, apenas atrás dos Romanos, que é o persa. E por fim, este será conquistado pelos gregos, que será o império que deixará mais marcas nos povos antigos e que reverberam até os dias de hoje.

Porém é importante saber as transformações que os exílios de Judá trouxeram ao modo de vida e a religião de Israel, pois foi no exílio que eles apesar de já serem uma nação, começaram a realmente se comparar e se diferenciar dos demais povos. Foi longe da sua terra que Judá reafirmou seu compromisso com o Senhor. Foi lá que a tradição oral tomou forma escrita: 'O Pentateuco, que continuamente havia sofrido alterações e recebido acréscimo ao longo dos anos, foi por fim "encerrado" (Otzen)²⁷. Foi lá também que os judeus entenderam que não era Canaã que os tornava povo de Deus, e por fim foi lá que eles entenderam que não era apenas no templo que eles poderiam se reunir e se conectar com o Senhor, mas poderiam fazê-lo em suas sinagogas: 'Cada grupo de judeus, não importava o tamanho, vivendo sob influência estrangeira tinha na sinagoga o seu lar espiritual; e isso foi de importância decisiva como uma proteção contra a assimilação. '²⁸

Essas informações são importantíssimas para entendermos como os judeus resistiram as diversas influências dos seus conquistadores, principalmente os Gregos. Esses que conquistaram a palestina, e a fizeram cativa entre o reinado de Alexandre, passando pelos Ptolomeus e por fim dos Selêucidas. Todavia nenhum desses dois últimos tiveram intenção de interferir diretamente na cultura dos Judeus, ainda que o tenham feito. Ambos permitiram a liberdade religiosa e um tanto administrativa, porém

²⁷ Otzen, Benedikt, O judaísmo na antiguidade: a história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o Imperador Adriano. Tradução: Rosângela Molento Ferreira. São Paulo. Paulinas. 2003. p.93

²⁸ Ibid., p.139

a Palestina era cada vez mais influenciada pelas diversas cidades gregas fundadas na região (decápole)²⁹, como Gaza, Gadara e Gerasa, dentre outras.

Essa proximidade entre as culturas gerou diversos sincretismos religiosos, pois os gregos e os 'novos gregos' (sírios, fenícios, árabes e também israelitas), começaram a trocar dados e então deuses orientais, reapareceram com nomes gregos (Astarte como Afrodite) e deuses gregos passaram a receber novos nomes (Dionísio como Nisa). Até Jerusalém recebeu um projeto de helenização, que tinha por cabeça um sumo sacerdote com nome grego, Jasão. Esse desejava com o apoio do rei Selêucida Antioco IV Epifanes, mudar o nome de Jerusalém para Antioquia, mudar o conselho da cidade dos anciãos para um grupo de cidadãos escolhidos, além da organização de uma assembleia de votantes e a edificação de um ginásio.

Os planos de Jasão não foram a frente, porém os desdobramentos dessas ideias causaram ainda mais problemas para a cultura judaica, pois os movimentos conservadores vindos como resposta a essas e outras influências helênicas geraram ainda mais crises internas. Os conservadores iniciaram um processo de resistência aos sumos sacerdotes helenizados, que não necessariamente tinham ações contrárias a Lei, porém estavam utilizando o templo mais para seus planos políticos, do que para as tarefas religiosas.

Dessa maneira, após os conservadores prenderem o sumo sacerdote Menelau, que havia substituído Jasão, os Selêucidas já combatidos com diversas derrotas reagiram e tomaram Jerusalém, expulsaram e assassinaram os resistentes e transformaram Jerusalém numa espécie de base militar. O templo é então tomado, Javé é denominado Zeus Olímpico, a pedra que representa Zeus é levada para o templo onde é cultuada junto a 'Atena' e Dionísio.

Os judeus são amplamente marcados por esse momento, pois seu símbolo maior foi profanado. Diferentemente das outras vezes que o povo havia sido derrotado, o templo continuava de pé, porém agora a 'serviço' de outros deuses³⁰. Eles logicamente não aceitam isso facilmente e organizam revoltas até que o domínio sobre a terra e o templo são reestabelecidos.

Esse sentimento de estar sendo usurpado pelos gregos, leva os judeus ao seu

²⁹ A cultura grega se difundiu por aquelas regiões através da decápole, as dez polis, no leste da terra de Israel em lugar de antigas fundações semitas. A decápole se tornou um centro de irradiação da cultura helênica.

³⁰ Os judeus não foram impedidos de cultuarem a Javé, porém não encontravam alegria em fazê-lo no templo pois o mesmo foi invadido por gentios e pelos seus deuses. O que era uma afronta a fé e a cultura dos judeus.

desdobramento religioso/literário mais marcante desse período, que foi o movimento apocalíptico. Não que esse pensamento tenha passado a existir nesse período, porém ele é amplamente utilizado por conta dessa forte influência estrangeira. Segundo Koester: 'O apocaliptismo inspirou a revolta dos Macabeus, deu origem e manteve a comunidade dos essênios, alimentou a Guerra Romano-Judaica..., mas também ele foi o intermediário da herança de Israel e de sua tradição profética para João Batista. '³¹

A sabedoria também foi amplamente influenciada nesse tempo, ela que já havia passado por uma ruptura com os primeiros exílios, criando uma linha cética que diferente do original que cria na retribuição, onde o homem justo colheria o bem o injusto o mal, agora eles acreditavam que poderiam analisar os eventos naturais, porém isso não tem nenhuma relação com o ciclo contínuo da vida. Segundo Koester define: 'desde que se contemple o fim da vida e se perceba o declínio das faculdades humanas na velhice, é absurdo atribuir um destino final aos homens. '³² Ou seja, segundo os cétricos é impossível relacionar a ideia de Deus com a experiência humana individual.

Todavia havia a ala apegada ainda a Sabedoria, prática essa que foi desenvolvida em quase todas as culturas antigas, até mesmo pelos gregos. E estes agora passaram a entender a Sabedoria não apenas como um método para chegar a compreensão da ordem do universo, mas agora ela foi personificada, tomou a posição de mediadora da criação. Essa nova percepção não é necessariamente fruto de um flerte com a ideia de um deus médio-oriental, apesar de correntes míticas a terem influenciado, mas para o judeu a sabedoria continuava vindo de Javé, além disso ela não foi criada, mas sim 'saiu da boca de Deus e existiu antes do começo da criação, '³³

As influências e os desdobramentos gerados pela presença dos Gregos também ajudaram naquilo que hoje conhecemos com a bíblia, pois apesar de ter sido nos cativos anteriores que os judeus organizaram o seu cânon e os colocaram em um códex, foi em Alexandria que eles o tornaram conhecido para todo o mundo. A septuaginta (ou a tradução dos 70) foi uma demanda criada pela presença de muitos

³¹ Koester, Helmut, Introdução ao Novo Testamento, volume 1: História, cultura e religião do período helenístico. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo. Paulos. 2005. p. 232

³² Ibid., p.244

³³ Koester, Helmut, Introdução ao Novo Testamento, volume 1: História, cultura e religião do período helenístico. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo. Paulos. 2005. p. 244

judeus helenizados e também do desejo de conhecimentos dos gregos na cultura dos judeus.

Essas influências têm seu ápice com um personagem chamado Filão de Alexandria³⁴, um judeu helênico, natural de Alexandria, que tentava conciliar a filosofia e as escrituras, criador da doutrina do Logos que era a tentativa de conciliar religião e ciência. Ele foi sem dúvida um dos principais escritores da filosofia antiga, pois depois da Aristóteles, suas obras são as que possuem maior acervo preservado e disponível. Além disso elas também influenciaram os padres dos primeiros séculos como Orígenes e Clemente de Alexandria. Ou seja, Filão é a personificação dessa influência helênica em todo o mundo antigo e especificamente no mundo judeu.

É interessante perceber como helenização teve percepções diferentes entre os judeus. Enquanto aqueles que vivem na Palestina iniciaram movimentos de resistência, os da diáspora assimilaram e desenvolveram meios de convivência. No mesmo momento em que os judeus palestinos estavam altamente ameaçados em sua cultura, religião e administração, os judeus da diáspora, principalmente os que viviam em Alexandria, gozavam de paz e tranquilidade numa sociedade que convivia pacificamente com as diferenças e que cada um tinha seu valor civil bem definido.

Apesar das diversas influências dos exílios anteriores ao grego, talvez nenhum outro foi tão poderoso quanto este. Isso porque os povos desejavam a cultura grega, desejava a estrutura político-social e as diversas atrações de entretenimento que haviam nas polis. Os judeus já haviam sido influenciados em outros momentos por idiomas distintos, como o aramaico, por formas de governo como os sápatras persas e por outras culturas, literaturas e religiões babilônicas e persas como o zoroastrismo. Porém, talvez nesse momento seja o momento em que o judeu ortodoxo veja seu povo sendo amplamente influenciado, pois indivíduos estão assumindo novos nomes gregos e desejando ter direitos civis como nas polis gregas, além de admirarem a literatura, filosofia e matemática. Os judeus vivem então a sua maior ameaça de perder sua identidade, seus costume e religião.

2.5. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

Este capítulo abordou-se o tema helenismo e cultura judaica a partir de quatro

³⁴ Ou Filon de Alexandria

tópicos.

No primeiro tópico, Israel como nação, explicou-se como o povo judeu deixou de ser um conjunto de tribos e se tornou uma nação. Como através da instituição da monarquia e das ações dos seus reis, o povo deixou de ser um conjunto tribal e passou se entender como nação detentora de uma terra, uma língua, um exército e uma administração central.

No segundo tópico, cultura judaica, explicou-se como Israel passou a ter uma cultura própria, apesar da literatura de sabedoria impactar todos os povos, ela tomou contornos próprios entre os judeus. Com eles justo e o injusto foram colocados lado a lado, e a ação divina era resposta a suas ações. Vimos como foi a crise desse pensamento e os desdobramentos dele.

No terceiro tópico, Helenismo, explicou-se como os gregos deixaram de ser um conjunto de ilhas para se tornarem o império que mais impactou o mundo antigo e moderno. Vimos como os macedônios assumiram o poder e como Alexandre o grande implementou seu reinado sobre todo o mundo antigo.

No quarto tópico, Helenismo versus Judaísmo, explicou-se como o helenismo impactou a religião e o modo de vida dos judeus, principalmente na palestina. Entendemos as atuações das polis gregas e como os judeus resistiram a influência do novo conquistador.

Diante do exposto conclui-se que os judeus tiveram que desenvolver meios para manter sua identidade e culturas próprias num mundo onde todos desejavam serem cidadão gregos.

3. O LIVRO DE DANIEL.

Nesta parte será apresentada as características do livro de Daniel, falando sobre seu contexto histórico, sua provável autoria, aproximada datação, sua redação e temas. A ideia é mostrar em qual contexto o livro foi escrito e qual a intenção do autor para seus primeiros destinatários.

3.1. CONTEXTO HISTÓRICO

Entender o momento histórico onde o livro se encontra, nos ajuda a entender os meios que o autor utiliza para transmitir sua mensagem. O contexto do livro então

se inicia com a queda de Jerusalém pelo reino babilônico em 586 a. C., ou seja, com o fim do Reino de Judá. Eles então passarão mais de 400 anos sem independência política e econômica³⁵, e nesses anos serão dominados pelos Babilônicos, depois pelos Persas, que conquistaram a Babilônia e então Judá passou conseqüentemente a ser território deles. Até que no ano 333^a. C., os gregos liderados pelo macedônio Alexandre, o Grande, vence o poderosíssimo exército persa e conquista a área de sua dominação.

Como já vimos, Alexandre morre precocemente e seu reino é dividido entre seus generais, a Palestina vira dominação dos Ptolomeus juntamente com o Egito, e a Síria, Babilônia e Pérsia ficam sobre dominação Selêucida. Porém a região da Palestina sempre foi alvo de disputas dos dois grupos. Até o ano de 199 a. C. onde pôr fim o território passa a ser de dominação Selêucida e iniciam-se os grandes problemas judaicos, pois os Ptolomeus permitiram certos privilégios e autonomia a eles, como a concentração de poder político-religioso ao sumo sacerdote. Já com os Selêucidas, a Judeia começou a ser enxergada como uma cidade grega e iniciou-se a helenização, como já exploramos no primeiro capítulo. O que resumiu na perda da autonomia político-econômica, cultural, religiosa e identitária. Até que Jasão compra o título de Sumo Sacerdote, adota a religião grega no templo e uma estátua de Zeus é levada para lá também.³⁶ Com isso ações de resistência (revoltas, literaturas, contos etc.) eclodem por todos os lados.

O livro então nasce como forma de explicar como o povo passou e passaria por cada momento desse. O autor retoma desde a primeira invasão imperialista, passa pela segunda e assim culmina numa linguagem apocalíptica na terceira³⁷ pois é onde provavelmente estava estabelecido e não poderia falar abertamente.

3.2. AUTORIA

O livro de Daniel é com certeza o mais complexo escrito do antigo testamento, isso porque inicia-se por ter sido escrito em três idiomas: o hebraico, aramaico e

³⁵ Somente em 163 a. C., Judá voltará por um breve momento a ter independência política e econômica no governo dos asmoneus.

³⁶ Storniolo, Ivo. Como ler o livro de Daniel: Reino de Deus x Imperialismo. São Paulo. Editora Paulus. 4^a Edição, 2007. Pág. 14

³⁷ Provavelmente no período macabaico

grego. Além disso ele possui algumas contradições e paralelismos³⁸, o que nos leva a crer que foi fruto de uma junção de mais de um texto em diferentes momentos. Outro detalhe importante é o fato do nome Daniel significar ‘O Senhor é meu juiz’, nada mais ideal para um escrito apocalíptico, ou seja, segundo alguns estudiosos o livro de Daniel se utiliza de um personagem lendário já presente em muitas obras, como mostra Soares:³⁹

se trata de um personagem meramente literário, já mencionado na Escritura judaica (Ezequiel 14 e 28), e atestado em textos estrangeiros. Como vimos, em texto de Ras Shamra, em Ugarit, do século XIV a.C., aparece na epopéia de Aqatu um certo Dan’el, louvado por sua justiça e sabedoria. No período interbíblico, aparece também no Livro dos Jubileus 4, 20 um Danel como sendo tio e sogro de Enoque e, portanto, trisavô de Noé.

Sendo assim o autor final provavelmente detinha as histórias de Daniel 1-6 (que foram escritas em aramaico), que são por ele reorganizadas para que assumam o contexto desejado. Acrescenta a elas os capítulos 7-12 (que foi escrito em hebraico e provavelmente no período dos Macabeus)⁴⁰ onde detalha o presente histórico. E por fim um último autor acrescenta os textos em grego completando o estilo do livro com enredo lendário.

É interessante o fato do texto fazer menção a ‘aqueles que sabe discernir’ ou que os ‘sábios entenderão’ (12:10), ou seja, entrega a capacidade de entender o livro a um grupo seleto de ‘detentores dos segredos divinos’, conseqüentemente seriam uma espécie de encarregados de ensinar a multidão. Daniel então é essa figura de sabedoria, ou seja, uma espécie de ‘modelo’, e o redator provavelmente é uma espécie de guardião da cultura de Israel, provavelmente um pertencente aos hassidim ou hassideus (os ‘piedosos’)⁴¹

Finalizado no período Inter bíblico, foi incluído entre os “Escritos” na bíblia hebraica, pois os próprios escribas entendem seu estilo literário diferente dos proféticos, o que corrobora para o entendimento da sua confecção tardia, além do

³⁸ Contradições, pois, em Daniel 1:18-19, o Rei Nabucodonosor conhece Daniel e seus três companheiros. Já no capítulo 2:25, o Rei não conhece Daniel. Já os paralelismos encontram-se nos capítulos 2 e 7, onde no primeiro a estátua de metais e na segunda os quatro animais menos nobres é apresentada a deterioração dos fatos, ou seja, a decrescente importância dos Reinos.

³⁹ Soares, Dionísio Oliveira. Hesíodo e Daniel: as relações entre o mito das cinco raças e o sonho da estátua de Nabucodonosor. Rio de Janeiro: Faculdade de Teologia da PUC, 2006. Pag 122

⁴⁰ O Capítulo 7, foi escrito em Aramaico apesar de ser sido escrito no período dos Macabeus.

⁴¹ Grupo que se reuniu à resistência organizada por Matatias e Judas Macabeu.

próprio redator fazer referência as escrituras e especialmente a Jeremias, o que nos mostra que seu conhecimento é posterior ao cativo. Além do mais o autor diferentemente dos demais escritores não exhibe nenhuma genealogia ou exatidão temporal de quando Daniel viveu esses fatos.

Concluimos então que se trata de uma pseudoepígrafe, ou seja, o autor se utilizou de um personagem lendário e de histórias conhecidas para argumentar ideias que julgou serem necessárias em seu presente histórico.

3.3. DATAÇÃO

O momento histórico onde nasce a apocalíptica, não é fruto do desejo do escritor em criar esperança e sonhos de uma realidade futura melhor, simplesmente porque essa é a mensagem que o autor deseja passar. Na verdade, esse escrito surge da real necessidade desses novos fatos, ou seja, ou os destinatários passam a olhar a vida com essa ótica futurística ou se deixarão vencer pelas circunstâncias presentes. Circunstâncias essas configuradas por perseguição, mortes, dores, e desesperança, então o consolo só pode estar no futuro.

Outra característica do escrito apocalíptico está no fato dessa mensagem de esperança futurística não poder ser clara, aberta e de fácil acesso, pelo contrário, ela deve ser a um grupo seletivo, em linguagem figurada e de difícil compreensão pois só assim seus reais destinatários poderão compreender a mensagem se que o texto seja perseguido ou seus leitores. Para o opressor é apenas um conjunto de contos, fábulas e figuras sem sentido.

Dessa forma, podemos enxergar claramente o livro de Daniel, seja por seus capítulos finais declaradamente apocalípticos, seja por seus capítulos iniciais que apresentam histórias na Babilônia que mais se assemelham a realidade da dominação grega, como por exemplo a mudança dos nomes de Daniel e seus amigos.

Além disso, há diversas confusões históricas no trecho de 3-6 de Daniel, como a Marcha de Nabucodonosor sobre Jerusalém, na mudança da doença de Nabônides numa loucura de Nabucodonosor e na improbabilidade de Daniel ter vivido até velho na corte.⁴² Já em relação aos detalhes históricos do período dos Macabeus, são eles

⁴² Marconcini, Benito. Daniel, um povo perseguido procura as fontes de esperança. Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo. Edições Paulinas. 1984. Pág. 78

altamente detalhados, como pode ser visto no capítulo 11 de Daniel, as guerras entre Ptolomeus e Selêucidas e o governo do Antioco Epifanes narrados com riqueza.

O livro então é cheio de uma característica apocalíptica, chamada profecia ex-eventu, que se trata de um fato narrado como uma profecia por um interlocutor distante. No caso seria Daniel, no 3 ano do rei Ciro da Pérsia falando sobre o reinado dos gregos.⁴³

Assim o livro foi provavelmente escrito depois da profanação do templo judaico por Antioco IV Epifanes, por volta do ano 167 a.C. e antes da sua morte⁴⁴ em 164 a.C., ou seja, é composto no período da revolta dos Macabeus, mesmo simulando ser do séc. VI a.C.

3.4. REDAÇÃO

A tese mais aceita para explicar os desafios do texto, se reserva a reconstrução apresentada por M. Delcor em seu livro⁴⁵, que diz que Daniel seria fruto de duas mãos em uma breve distância temporal. A primeira compreenderia os capítulos 2-6 (Aramaico) com tradições que nos remontam ao fim do séc. IV a.C., já a segunda compreenderia os capítulos 7-12 (Hebraico) e seria do período Macabeus. Onde o primeiro capítulo serviria de uma espécie de introdução geral, os demais primeiros cinco capítulos apresentariam lições com o personagem sábio chamado Daniel e por fim o mesmo apresentado como profeta, recebendo visões.

O capítulo 7 provavelmente foi adicionado com a intenção de criar uma unidade entre os dois blocos do livro, porém esse não atribui o poder persuasivo que se propôs o autor⁴⁶. Por outro lado, é perceptível no texto a conhecida fórmula literária semítica 'A B A', segundo a qual o texto é apresentado nas narrações (cap.2-7), é variado nas visões (cap. 8-12) e é de novo reapresentado nas narrações (cap. 13-14), se considerarmos também o texto grego.⁴⁷

⁴³ Soares, Dionísio Oliveira. Hesíodo e Daniel: as relações entre o mito das cinco raças e o sonho da estátua de Nabucodonosor. Rio de Janeiro: Faculdade de Teologia da PUC, 2006. Pág. 124

⁴⁴ A morte referida no texto não condiz com a data histórica, o que pode mostrar que uma outra mão ainda ajustou o texto como conhecemos.

⁴⁵ Delcor. Mathias, Le livre de Daniel. Paris. 1971.

⁴⁶ Marconcini, Benito. Daniel, um povo perseguido procura as fontes de esperança. Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo. Edições Paulinas. 1984. Pág. 82

⁴⁷ A oração de Azariá, o cântico dos três jovens, a história de Susana e a de Bel e o dragão, constam apenas na LXX e parecem ter sido traduzidos de um original semita.

Outra característica presente em outros textos e que aparece também em Daniel, são os 'relatos de corte', como a história de José no Egito em Gênesis (40-41) e o livro de Ester. E esses relatos podem ser divididos em dois momentos, o primeiro momento são os relatos sem conflitos com o rei (2, 4, 5) e os relatos de conflito com ele (3, 6). Porém em ambos os casos a sabedoria de Daniel, ou do seu Deus é louvada, mostrando uma certa inverossimilidade com a realidade, assim como o massacre de todos os sábios por terem sido incapazes de contar o sonho do rei (cap. 2) e o banquete de Belshasar a mil nobres (cap. 5). Fatos esses que demonstram que as histórias mais se aproximam de contos orais e história lendárias do que de fatos verossímeis, como demonstra Jacques Vermeulen⁴⁸: 'O relato do capítulo 4 parece derivar de uma história independente concernente a Nabônides, da qual uma variante está conservada nos manuscritos de Qumran ('Oração de Nabônides')'

Já a partir do capítulo 7 podemos encontrar o gênero literário que ganha força com Daniel, o da apocalíptica histórica, que nesse livro é extremamente recheado com a presença de anjos, sonhos, visões, pseudonímia, revelação de segredos e ressurreição. As visões claramente contêm referência a Antíoco IV Epifanes (7:8; 8:23-25) e à profanação do Templo (9:27), e no capítulo 11 é possível perceber a clareza do escritor ao detalhar o reinado de Antíoco, porém desconhece os motivos da sua morte, o que nos faz perceber seu provável momento histórico.

A redação de Daniel apresenta assim como as demais características do livro, desafios enormes para o seu analista. Pois é impossível determinar precisamente seu início, suas formas iniciais e nem sua conclusão, apesar desse último tópico nos oferecer a maior parte dos dados para apreciação e análise.

3.5. TEMAS

O livro de Daniel é o principal representante da apocalíptica do Velho Testamento. Esse tipo de escrito surge em épocas de graves crises existenciais do povo, onde Deus revela a eles o fim do mundo, pelo menos o mundo conhecido até então, e revela Seus mistérios e segredos através de sonhos e/ou visões. O livro não ignora o sofrimento presente, apesar da linguagem apocalíptica, pelo contrário o autor também parece querer ensinar como viver piedosamente num tempo de injustiças e

⁴⁸ Romer, Thomas; Macchi, Jean-Daniel; Nihan, Christophe. Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia. Tradução: Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo. Edições Loyola. 2010, pg. 692

perseguição. Dessa maneira, 'o homem oprimido é convidado à oração, à constância, à fidelidade e à confiança em Deus, e a uma iluminada e diversificada relação com a autoridade política'⁴⁹

. Uma característica tipicamente apocalíptica e que está presente em Daniel, é a pseudonímia, ou seja, o autor assume a autoridade de um sábio para que seu texto possa alcançar relevância, se perpetue e chegue a mais destinatários. Além disso a intenção do autor ao fazer isso era criar o desinteresse dos perseguidores pela obra, pois no leigo entendimento deles, tal obra se trataria de um texto antigo e de difícil interpretação, o que permitiria que o texto se difundisse e não sofresse perseguição.

Essa apocalíptica nasce do choque na crise macabeia nos anos 167-164 a. C., conseqüentemente pela profanação do Templo, pela perseguição aos piedosos e a perda da esperança que Israel ainda pudesse ser uma comunidade dedicada a Yahweh. Como descreve Jacques Vermeulen:

É a radicalidade das questões levantadas nesse contexto dramático que obriga a comunidade a sair dos gêneros literários conhecidos para se arriscar na novidade: os autores de Daniel e do primeiro livro de Enoc têm consciência de não poderem encontrar resposta em suas questões vitais nem em um discurso humano, nem nos escritos anteriores, mas apenas em uma revelação divina, única capaz de dizer o sentido e a saída dos acontecimentos.⁵⁰

Segundo o mesmo Jacques, 'a novidade do discurso apocalíptico, contudo, não é absoluta'⁵¹, pois ela não surge do nada, antes está atrelada aos itens mais elementares da literatura hebraica, ou seja, seu autor inspira-se nos textos principais do imaginário semítico como Salmos e Provérbios, além dos profetas Ezequiel, Zacarias, Amós, Isaias (11) e Jeremias (9) e por fim no Pentateuco, mas especialmente em José.⁵² Parece que o autor procurar dar novas motivações trazendo luz a velhas promessas talvez esquecidas por força das perseguições, ou seja, 'um futuro melhor é a esperança de que as promessas dos profetas permaneçam mais do que nunca atuais'⁵³

⁴⁹ Marconcini, Benito. Daniel, um povo perseguido procura as fontes de esperança. Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo. Edições Paulinas. 1984. Pag. 87

⁵⁰ Romer, Thomas; Macchi, Jean-Daniel; Nihan, Christophe. Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia. Tradução: Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo. Edições Loyola. 2010, pg. 697

⁵¹ Ibid., pg. 697

⁵² Ibid., pg. 697

⁵³ Marconcini, Benito. Op. Cit. Pág 87

Porém dois temas desse livro chamam a atenção diferentemente de outros escritos tipicamente apocalípticos, que são a figura do filho do homem e o tema da ressurreição individual. O escritor de Daniel faz de Ezequiel 37, a visão do vale de ossos secos, onde se cria anteriormente se tratar de uma ressurreição nacional. Todavia Daniel 12:2-3 nos apresenta a crença numa ressurreição individual, que provavelmente nasce da 'necessidade de conciliar o fato do martírio com a teologia da retribuição.'⁵⁴

Outra figura importante que aparece em Daniel é a expressão 'Filho do Homem', que é uma expressão essencialmente cristológica. A expressão aparece em Daniel 7:13, onde o escritor relata a visão de quatro animais monstruosos que representam os impérios reinantes, que depois são condenados pelo Juiz, e por fim aparece vindo nas nuvens alguém como 'o filho do homem' que recebe a dominação sobre todos os povos. Na visão, Daniel recebe a revelação do Anjo intérprete que diz que o reino será dado aos 'santos do Altíssimo'⁵⁵, ou seja, aos piedosos, àqueles que permaneceram fiéis a Torá.

E essa denominação de 'Filho do Homem', foi muito mais do que um simbolismo sugestivo, mas se tonou a descrição daquilo que o messias deveria realizar, ou seja, ele deveria governar sobre todos os povos. Claramente os evangelistas do Novo Testamento assume esse termo a Jesus (Mt 24:30, Mc13:26, Lucas 21:27) pois é a forma mais rápida e didática de apresenta-Lo como aquele referido por Daniel, a qual já era de conhecimento de todo o povo.

Por fim, outro tema importante do livro de Daniel são os seres espirituais enviados a servirem aos homens, que chamamos de anjos. O livro aumenta consideravelmente o número de anjos que cercam o trono de Javé e os apresenta como diligentes servidores e executores de sua vontade, ou seja, a cena descrita por Isaias (6:2-3), é aqui potencializada. E isso só foi possível pois o flerte politeístico judaico já estava resolvido, ou seja, os anjos poderiam ser entendidos facilmente como seres divinamente inferiores a Javé.

Aqui também os anjos ganham qualificação pessoal mais marcante, ou seja, ganham funções e nomes próprios. Exemplo disso é o anjo Gabriel, que significa 'Deus é minha força' e que manifesta o poder maravilhoso de Deus e se apresenta

⁵⁴ Romer, Thomas; Macchi, Jean-Daniel; Nihan, Christophe. Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia. Tradução: Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo. Edições Loyola. 2010, pg. 698

⁵⁵ Daniel 7:18

como seu mensageiro. Já Miguel, que significa 'quem como Deus?', é apresentado com o anjo protetor de Israel, que significa sua função, porém mais do que isso demonstra que sobre Israel havia uma dominação especial, assim como na Pérsia havia, porém apenas o Palestino tinha nome.

O livro de Daniel, juntamente com o de Enoque então tornam-se um parâmetro para muitas coisas do imaginário do Novo Testamento, influenciando seus escritores e seus destinatários

3.6. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

Este capítulo abordou-se o tema das características do livro de Daniel, como o contexto histórico que foi escrito, sua possível autoria, sua aproximada datação, sua redação e principais temas, dividindo-os em cinco tópicos:

No primeiro tópico, falamos sobre o contexto histórico em que o livro foi escrito, explicou-se que o livro foi escrito em período de muitas invasões a Israel, onde o povo foi muitas vezes assolado, escravizado, teve seus direitos políticos e econômicos controlados por outros impérios e teve que sobreviver a todos esses desafios

No segundo tópico, falamos sobre sua possível autoria, explicou-se que o texto dificilmente é fruto de apenas uma mão, mais do que isso ele é provavelmente fruto de diferentes momentos históricos, todavia seu autor final está provavelmente no período da revolta macabeia e pertence ao grupo de resistência. Isso porque os fatos narrados na segunda metade do livro possuem uma riqueza de detalhe que evidencia um possível maior conhecimento do que a primeira parte do livro, passado na Babilônia que possuem muitos erros históricos, como apresentados lá.

No terceiro tópico, falamos sobre sua aproximada datação, explicou-se que o texto dificilmente foi escrito na época do cativo Babilônico, como o autor sugere nos seus primeiros capítulos. Isso pode ser notado pelo desconhecimento e confusão com os fatos históricos referente a esse período, além disso há claramente uma referência a Antioco Epifanes, percebida no detalhamento dos fatos narrados, o que nos faz perceber que o autor está mais próximo do sec. II a. C. do que do sec. VI a. C.

No quarto tópico, demonstramos sobre como seu deu a redação, explicou-se que o livro provavelmente é fruto de pelo menos duas mãos, isso porque a primeira parte

(cap. 2-6) parece ser fruto de histórias orais e lendárias que foram em algum momento copiladas para um escrito, e já a segunda parte (8-12) de característica apocalíptica é claramente relatos originados da perseguição aos piedosos e da expectativa de uma redenção realizada por Javé. Os capítulos 1 e 7 seriam então uma tentativa de introdução e uma de ligação respectivamente entre as partes apresentada.

No quinto tópico, apresentamos os temas que aparecem no livro de Daniel, explicou-se que o livro inaugura a linguagem apocalíptica, assim explicamos em que contexto essa linguagem literária surge e porque ela foi aplicada, além de mostrar como o livro é recheado de novos temas que perpetuam no imaginário semítico. Exemplos disso foi a questão da ressurreição individual, além da figura do Filho do Homem, e pôr fim a angelologia avançada do livro.

Diante do exposto conclui-se que o livro de Daniel representa um dos maiores desafios para um exegeta pois é difícil determinar com exatidão a maioria dos dados apresentados, como autoria e datação, por exemplo. Além de se tratar de um livro parcialmente apocalíptico e escrito em mais de um idioma. Dessa maneira, o livro exige cuidado e detalhamento na hora de analisar e fazer afirmações sobre.

4. BREVE COMENTÁRIO SOBRE DANIEL

Nesta parte será apresentada um breve comentário sobre algumas passagens presentes no livro de Daniel, tentando descrever a real intenção do autor e a possível forma com o texto foi recebido pelos seus destinatários.

4.1. MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE JUDAICA.

O livro de Daniel inicia-se com uma apresentação dos personagens, do local onde estão e da sua situação histórica, porém a intenção do autor não é fazer um relato histórico fidedigno, e sim criar um plano de fundo para a mensagem que deseja transmitir. E o que ele deseja é mostrar o início da era dos impérios, no caso de Judá, com os Babilônicos

Ele deseja mostrar que em toda dominação estrangeira as elites eram deportadas, e eram obrigadas a se aculturarem para depois serem aproveitadas pelo rei dominador. Ele ignora os primeiros anos de deportação como diz Marconcini:

Todavia, não apresenta os primeiros momentos difíceis da deportação, quando os prisioneiros do centro de reunião de Rama (Jr 40:1; 31:15), depois de dolorosa viagem, foram empregados como escravos em pesados trabalhos, como cavar canais, construir edifícios públicos, cultivar latifúndios dos reis e sacerdotes, mas num momento posterior, quando, readquirida a coragem, os exilados alcançam uma condição social mais favorável e exercerão cargos públicos de certa importância.⁵⁶

Além disso mostra como os nomes dos jovens foram mudados, de Daniel, Hananias, Misael e Azarias para Beltessazar, Sadraque, Mesaque e Abedenego, ou seja, uma total ruptura com sua origem. Junta a isso o fato dos utensílios do Templo terem sido levados para a casa do deus deles. Ou seja, quer demonstrar que toda a identidade e tesouros nacionais eram fortemente atacados.

Porém o autor também inicia mostrando que esses jovens não eram como os demais, eles decidem 'não se contaminarem com as finas iguarias do rei'⁵⁷, e por isso, segundo o autor eles recebem de Deus a capacidade de 'conhecer e compreender a Escritura e toda Sabedoria'⁵⁸, além Dele conceder também 'misericórdia e compreensão da parte do chefe dos eunucos'⁵⁹, e no final eles reúnem o conhecimento babilônico, porém sem perder a sua identidade e recebem de Deus 'inteligência de todas as visões e sonhos'⁶⁰.

Dessa maneira o autor já inicia o livro confrontando temas muito mais próximos a dominação grega do que a Babilônica, ou seja, é uma clara alusão ao momento histórico em que o autor provavelmente está, pois é no cativeiro helênico onde os jovens por livre e espontânea vontade estão assumindo nomes gregos, desejando conhecer a cultura dos gregos (Filosofia, matemática e etc.), e assumindo costumes alimentares divergentes aos que os judeus praticavam, isso tudo para se integrarem no 'novo mundo'. Além disso, as ações de Antioco Epifanes em relação ao Templo⁶¹, são transmitidas como um assalto ao tesouro nacional, assim retirando aquilo que o

⁵⁶ Marconcini, Benito. Daniel, um povo perseguido procura as fontes de esperança. Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo. Edições Paulinas. 1984. Pág. 14

⁵⁷ Daniel 1:8

⁵⁸ Daniel 1:17

⁵⁹ Daniel 1:9

⁶⁰ Daniel 1:17

⁶¹ Epifanes coloca escultura de outros deuses no templo e realiza cerimônias pagãos nele.

povo tem de mais precioso, ainda que na prática nada estivesse sendo retirado, mas a liberdade do culto estava cerceada.

Por isso o autor faz questão de iniciar seu texto com todas essas credenciais dos seus personagens, o seu propósito é mostrar aos jovens que estão mudando seus nomes, que isso é uma ação imperialista e que além disso na sua história também há personagens mitológicos versados na sabedoria e conhecimento, e que também conheciam ao Senhor, mas do que isso, o próprio relacionamento e obediência a Javé os levou a serem assim.

Ele mostra também que a sabedoria e a aparência de Daniel e seus amigos era muito mais perspicaz do que a dos jovens babilônicos, quando diz: ‘a sua aparência era melhor, estavam eles mais robustos do que todos os jovens que comiam das finas iguarias do rei’⁶² e diz que entre todos ‘não foram achados outros como Daniel, Hananias, Misael e Azarias’⁶³ e ‘Em toda matéria de sabedoria e de inteligência sobre o que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais doutos do que os magos e encantadores que havia em todo o seu reino’⁶⁴, assim o autor quer mostrar que a sabedoria do grego(ou do estrangeiro em geral) não era superior à dos judeus.

Ele mostra claramente que o fato de Daniel, Hananias, Misael e Azarias não compartilharem dos hábitos alimentares dos babilônicos, foi a chave de acesso para que Deus lhes desse conhecimento em toda ciência. Segundo Marconcini, “a observância dos alimentos que sempre foi um cavalo de batalha para a mentalidade hebraica, se torna escrupulosa no fim do Antigo Testamento e será motivo de tensão na Igreja Primitiva’⁶⁵, ou seja, não se alimentar da comida que poderia não ter sido livre do sangue dos animais, poderia ter sido oferecida a ídolos ou provinha de espécies impuras era questão de honra e precisava ser observada pelos jovens no período grego.

E por fim, o autor quer denunciar os abusos do governante grego Antioco Epifanes, para isso ele utiliza a história do rei Belsazar⁶⁶, que é apresentado pelo autor

⁶² Daniel 1:15

⁶³ Daniel 1:19

⁶⁴ Daniel 1:20

⁶⁵ Marconcini, Benito. Daniel, um povo perseguido procura as fontes de esperança. Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo. Edições Paulinas. 1984. Pág. 15

⁶⁶ Daniel 5

como filho de Nabucodonosor, porém se trata claramente de uma ficção, pois o rei não era filho do famoso imperador Babilônico⁶⁷ e tampouco reinou. Todavia a ênfase aqui está atitude que um suposto governante, que herda os utensílios do templo e faz pouco caso deles, ou seja, uma alusão a atitude de Antíoco, que não necessariamente domina os judeus, mas após assumir o poder sobre o povo faz pouco caso das suas tradições, itens e lugares sagrados.

A história contada pelo escritor de Daniel nos relata que o sacrilégio de Belsazar têm duplo peso, o primeiro é utilizar os utensílios sagrados e o segundo é utiliza-lo numa festa profana. Segundo descreve Storniolo⁶⁸, o autor faz questão de fazer alusão ao fato dos ídolos adorados serem ‘deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra’⁶⁹ pois quer levar o seu leitor ao Salmo 115:4, que diz: ‘Os ídolos deles são pratos e ouro, obras de mãos humanas’ E assim o enredo se completa quando uma mão misteriosa escreve o julgamento na parede, pois os deuses deles ‘têm mãos e não tocam’⁷⁰, porém Javé é o Deus vivo que têm mãos que tocam.

Por fim o autor quer deixar duas lições desse enredo, a primeira é o fato de o único capaz de decifrar a escritura na parede ser Daniel, pois segundo o enredo ele é o único que possui o ‘espírito dos deuses santos’⁷¹ e a ‘a sabedoria dos deuses’⁷², em outras palavras ele era o único que reunia ‘o espírito profético e o discernimento sapiencial’⁷³, assim o autor quer diz aos jovens da sua época que eles não precisavam invejar a cultura dos seus opressores. E por fim, a intenção do escritor era deixar na lembrança do povo que o Javé é um Deus vivo e que Ele iria julgar os atos de Antíoco e ele receberia a devida recompensa por seus atos. Dessa maneira ele queria mostrar que Deus era o principal interessado em preservar aquilo que entregou aos Israelitas e eles não poderiam desistir de lutar pela manutenção da sua cultura.

⁶⁷ Era na verdade filho de Nabônides

⁶⁸ Storniolo, Ivo. Como ler o livro de Daniel: Reino de Deus x Imperialismo. São Paulo. Editora Paulus. 4ª Edição, 2007. Pag. 53

⁶⁹ Daniel 5:4

⁷⁰ Salmos 115:7

⁷¹ Daniel 5:11

⁷² Daniel 5:11

⁷³ Storniolo, Ivo. Op. Cit. Pág. 55

4.2. O IMPERIALISMO É DESTRUÍDO PELO REINO DE DEUS

A grande mensagem do livro de Daniel com certeza é a condenação do modo de governo imperialista e a inegável chegada do Reino de Deus, porém a grande questão é quando chegará esse reino. Talvez para os piedosos do tempo de Antioco, a qual se dirige esse livro, era iminente a necessidade da implementação desse Reino.

Diferente da concepção cristã sobre o Reino de Deus, parece que para o escritor de Daniel não era necessário a aparição de uma figura sobrenatural para a implementação do Reino, pois a autoridade nunca saiu das mãos de Deus, pois é 'ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis, ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes'.⁷⁴ Provavelmente a ideia do autor é fazer com que a comunidade judaica entendesse que era sua tarefa implementar o Reino de Deus entre as nações.

Dessa maneira, conseguimos entender o que o escritor pretende passar no capítulo 2 de Daniel. A pergunta que o autor quer ressoar é: até quando viveremos debaixo de um domínio imperialista? A resposta que ele quer chegar é: o mundo precisa conhecer um Reino governando por Deus, pois é um reino sem opressão, com justiça e paz.

Nenhum personagem é melhor para falar do imperialismo do que Nabucodonosor. Ele é a representação exata no imaginário judaico sobre o início da dominação impositora desses governantes, por isso o autor utiliza esse personagem para mostrar seu propósito.

Nesse ponto é importante lembrar a estrutura literária do livro, pois antes da possível versão final do livro, o mesmo tinha apenas os capítulos 2 a 7, onde podemos ver segundo Storniolo⁷⁵, a seguinte estrutura: Sonho de Nabucodonosor, Martírio dos amigos de Daniel, Julgamento dos Reis imperialistas, Martírio de Daniel e finalmente o Sonho de Daniel. Isso fica ainda mais claro quando percebemos que os referidos capítulos foram escritos em Aramaico e o primeiro capítulo em Hebraico, além disso fica evidenciada essa divisão no fato de Nabucodonosor desconhecer Daniel no

⁷⁴ Daniel 2:20

⁷⁵ Storniolo, Ivo. Como ler o livro de Daniel: Reino de Deus x Imperialismo. São Paulo. Editora Paulus. 4ª Edição, 2007. Pag. 27

referido capítulo, sendo que no primeiro ambos se conhecem. A importância então se configura para entendermos que o segundo capítulo do livro foi escrito não para descrever um fato histórico, mas sim foi criado pelo autor para transmitir uma mensagem aos seus ouvintes.

Voltando ao tema central da destruição do imperialismo, o autor conta que o rei teve um sonho, esse sonho não poderia ser contado, o mesmo deveria ser revelado pelo sábio, assim como sua interpretação. O autor mostra que nenhum adivinho do reino é capaz de descobrir o sonho, conseqüentemente não podem dar sua opinião sobre a revelação. Assim, todos os sábios, magos e adivinhos são condenados a morte, isso incluiria Daniel, o que sabendo disso se propõem a relevar o sonho e a interpretação. Aqui podemos ver duas críticas que o autor quer fazer aos imperialistas, a primeira é o fato da sabedoria deles ser humana, ou seja, eram enganadores, e a segunda reside no fato da verdadeira sabedoria estar na vida de um estrangeiro, ou seja, do dominado. É um claro chamamento a aqueles que achavam que a cultura judaica era ultrapassada.

Daniel então recebe de Deus graça, lhe é revelado o sonho e sua interpretação. Para Storniolo⁷⁶, o autor quer retomar o Salmo 25:14, que diz: 'O segredo de Javé se revela para aqueles que o temem, e lhes dá a conhecer a sua aliança', ou seja aqueles que são íntimos de Deus, recebem o espírito profético e são capazes de discernir os segredos e direções que Deus dará a história. Ou seja, o autor está dizendo que a sabedoria dada por Deus é muito superior para entender o mundo e o futuro do que qualquer outra.

O sonho então consiste então numa estátua de cabeça de ouro, peito e braços de prata, barriga e coxas de bronze, canelas de ferro e pés metade de ferro e metade de barro, e de repente uma pedra sai sobre ela, quebrando-a e esmiuçando-a em pedaços que podem ser levados pelo vento. E a pedra se torna numa montanha que cobre toda a terra. A interpretação é clara, o ouro é o império babilônico, a prata é o império medo, o bronze o império persa e o ferro é o império grego. Já os pés metade de ferro e metade de barro é o império grego dividido entre os Lágidas e Selêucidas.

⁷⁶ Storniolo, Ivo. Como ler o livro de Daniel: Reino de Deus x Imperialismo. São Paulo. Editora Paulus. 4ª Edição, 2007. Pag. 28

A ideia do autor é mostrar a progressão decrescente dos valores dos materiais, ou seja, cada império que surge é mais corrupto e desigual.

Segundo Storniolo, o autor utiliza do artifício da antedatação, ou seja, se coloca no tempo de Nabucodonosor para denunciar os atos imperialistas como numa visão profética. Ele explica:

‘Por que não começou com o Egito ou com a Assíria? Porque, de fato, foi com o império Babilônico que Israel deixou de ser uma nação independente. Com Nabucodonosor começou para os judeus um período político e econômico de trevas. Além disso, o número 4 é simbólico: indica totalidade. O autor está de fato se referindo a todos os imperialistas.’⁷⁷

A antedatação fica clara quando percebemos que a descrição do quarto império é detalhada. Ele mostra como se trata de um império dividido, ou seja, um reino dividido entre uma parte forte como o ferro e uma parte frágil como o barro. Ele mostra que apesar da tentativa de um casamento, ‘misturar-se-ão mediante casamento, mas não se ligaram um ao outro, assim como ferro não se mistura com o barro’⁷⁸, eles não conseguiram reinar juntos e serão destruídos.

E por fim aparece então a pedra, que esmiúça a estátua, e então se agiganta por todo o mundo. Ou seja, o autor quer mostrar que o projeto político-econômico guiado por Deus, será tão incrível que será desejado por todos os povos e se espalhará por toda a terra. O que claramente deseja o autor é exterminar o imperialismo e implementar o Reino de Deus.

Nas palavras de Ivo Storniolo, poderíamos definir a mensagem que o autor de Daniel quer passar como:

‘Se o imperialismo pode ser definido como sistema de não-partilha, graças à qual ele engole as liberdades, para acumular poder, e devora os bens da vida, para acumular riqueza – então o chamado Reino de Deus é exatamente a alternativa contrária: a partilha da liberdade (política) e da vida (economia), de modo que todos de fato possam viver de forma dignamente humana. É essa formulação igualitária que pode ser chamada de Reino de Deus.’⁷⁹

⁷⁷ Storniolo, Ivo. Como ler o livro de Daniel: Reino de Deus x Imperialismo. São Paulo. Editora Paulus. 4ª Edição, 2007. Pag. 30

⁷⁸ Daniel 2:43

⁷⁹ Storniolo, Ivo. Op. Cit. pg. 32

Para o autor de Daniel, a única saída possível para esses anos de exploração, injustiças e abusos é a chegada do Reino de Deus. Que deveria ser um esforço de todos, sob a liderança do povo de Deus e que chegue a todas as nações. Para o autor é clara a necessidade e a eminência desses fatos, pois o mundo já não aguenta ser mais dominado de maneira injusta.

4.3. FILHO DO HOMEM

O tema do Filho do homem com certeza é o mais debatido e controversos dessa carta. Sobre o que o autor se referia quando citou o termo? Basicamente a expressão em hebraico (*ben 'adam*) e em aramaico (*bar 'enasch ou bar 'enasha*) significa homem ou membro da coletividade humana. A grande disputa então reside exatamente nesse fato, o termo se refere a uma pessoa apenas ou ao conjunto de pessoas. E se referisse a uma pessoa, ele seria um ser humano ou divino.

No capítulo 7, quando o autor descreve o sonho dos 4 animais, o Filho do homem aparece no final da visão com uma relação estreita com o ancião, que certamente é um personagem divino, pois é descrito como eterno e está entre fogo, serviço, juízo e nuvens. O Filho do homem então pode ser uma espécie de chefe dos anjos, ou o Arcanjo Miguel, ou então o Messias.

Por outro lado, o Filho do homem pode ser uma coletividade pois é o povo oprimido para qual o texto está dizendo que haverá triunfo, libertação e esperança. Ele seria identificado como aqueles que estão sendo perseguidos pelo último animal, como mostra Marconcini:

'Trata-se uma figura indeterminada, contraposta aos animais, como o divino ao satânico: como os reinos terrenos eram 'semelhantes' a um leão, urso, leopardo...assim o reino de Deus é semelhante a um Filho de Homem.'⁸⁰

A grande questão que pode nos ajudar na definição sobre o que o termo se refere, reside no entendimento sobre as nuvens. O Filho do homem vem sobre as nuvens ou com as nuvens, pois na literatura bíblica as nuvens são lugar da habitação de Deus. Então se ele está sobre as nuvens, se trata de uma figura divina, porém se

⁸⁰ Marconcini, Benito. Daniel, um povo perseguido procura as fontes de esperança. Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo. Edições Paulinas. 1984. Pág 121

ele está com as nuvens é uma figura humana que foi elevada para um encontro teofânico, ou seja, segundo Marconcini, não seria uma realidade divina que desce, mas sim uma realidade humana que sobre.⁸¹

Dessa maneira, é o contexto que decidirá sobre o que é descrito em Daniel 7, se é sobre um indivíduo ou sobre uma coletividade. O simbolismo de um povo eleito cabe muito bem para o contexto do escrito, que representaria um empoderamento do povo que foi oprimido por diversos imperialistas e que agora se levantaria como um reino não de homens como os outros, mas sim um reino divino, de um povo dedicado, obediente e consagrado a Deus, o que garantia um governo justo e humano.

4.4. COMENTÁRIO FINAL

O livro de Daniel nasce como uma resposta as crises político-econômicas que o povo está passando, quando para muitos não havia uma esperança de melhora futura, o livro apresenta a ideia que Deus não está alheio aos seus problemas, mas no momento oportuno irá agir. Ou seja, o autor faz de Daniel da Babilônia, um profeta para o povo no cativeiro Selêucida.

Como um bom profeta, Daniel não é abalado pelas circunstâncias que o cerca, pelo contrário, ele ultrapassa os desafios debaixo da obediência e ação de Javé. Daniel recebe de Deus a capacidade de ler o seu tempo, e não se surpreende com as ações intempestivas dos imperialistas, pois o Senhor já revelava as intenções deles a Daniel. O povo poderia olhar para ele e ser encorajado a não desfalecer com as afrontas do dominador. Além disso, Deus dá a Daniel visões que trazem a expectativa que a opressão está acabando e um novo tempo irá surgir.

O escrito não se furta de mostrar o grau de destruição e domínio dos imperialistas sobre os judeus, pelo contrário parece que ao autor quanto mais o dominador é injusto e quanto mais incerta é a possível saída, mas provável será a manifestação dos atos de Deus e sua justiça. Dessa maneira, ele se perpetua, pois quando o povo de Deus não está sendo combatido? Humilhação, aniquilamento, politicagem, corrupção e jogo

⁸¹ Marconcini, Benito. Daniel, um povo perseguido procura as fontes de esperança. Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo. Edições Paulinas. 1984. Pág 122

de alianças escusas são presente em todos os governos de homens, só o Reino de Deus será capaz de instaurar o equilíbrio e a benção.

Além disso, o autor de Daniel está lutando muito mais do que contra a destruição de uma administração política judaica em seu território. Ele está lutando contra a influência ideológica que deseja destruir a cultura e a religião. O livro se torna então um chamado a lutar para defender a identidade do povo de Deus, ou seja, em todo tempo, sempre que houver uma linha que nos convide a desistir daquilo que é certo, por aquilo que é comum, deve-se resistir. O convite do autor aos seus destinatários diretos e secundários é em tempos de crise, morte e desesperança, resistam e permaneçam.

O aparecimento de um caminho de esperança levará o fiel a se auto perceber, entender sua importância, sentir-se destinado a ser parte da mudança e a tomar consciência de que Deus pode intervir na história a qualquer momento. Com base nisso o autor parece indicar aos seus destinatários que a tarefa da implementação do Reino passa pela atitude deles. Quando não houver mais como resistir pacificamente, será necessário se posicionar e nesse momento eles poderiam ter certeza que o Senhor lhe daria a vitória, pois a autoridade nunca saiu das mãos de Deus, é Ele quem institui e destrona reis.

4.5. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

Este capítulo foi um breve comentário sobre as partes do livro que mais chamam a atenção do pesquisador a partir de quatro tópicos.

No primeiro tópico, manutenção da identidade judaica, explicou-se que a versão final do livro de Daniel, essa que conhecemos, foi um apelo a resistência do povo. Nela o autor mostrou as diversas influências que o povo estava passando no cativeiro grego, como influencia para que assumissem nomes gregos, adotassem costumes alimentares diferentes e abandonassem sua cultura em prol da estrangeira. O autor então que mostrar com base nas histórias de Daniel que Deus foi fiel a ele e o fez o mais importante dos homens do seu tempo pois ele se guardou das influências estrangeiras.

No segundo tópico, o imperialismo é destruído pelo reino de deus, explicou-se que o autor quer mostrar aos seus destinatários que Deus não está alheio aos seus

problemas, e que seus opressores já tem um prazo para serem destruídos. O autor descreve um sonho de Daniel mostrando que os reinos passaram e o Reino de Deus chegará e será tão prospero que tomará toda a terra.

No terceiro tópico, Filho do Homem, explicou-se que o termo tão debatido por estudiosos do velho testamento e tão abordado pelos evangelhos, é fruto de divergências sobre a mensagem que o autor realmente desejava transmitir. O sonho de Daniel se tratava de uma previsão messiânica ou o autor se referia a autoridade dada ao povo pelo ancião. No capítulo em questão foi apresentada as duas possibilidades, mostrando que a conclusão depende da linha de interpretação seguida.

No quarto tópico, comentário final, foi realizado um apanhado geral do livro, mostra que a intenção do autor era fazer um chamado a resistência, mostrando que a remissão dos santos e a condenação dos dominadores estavam próximas e que não era tempo dos fiéis desistirem, mas sim perseverarem e assumirem sua posição no plano divino.

Diante do exposto conclui-se que o livro de Daniel é um texto atemporal, é um escrito para todo o tempo onde o povo de Deus estiver sendo oprimido. É um chamado a continuar a caminhada sabendo que o Reino de Deus virá e os seus santos reinarão com Ele.

5. CONCLUSÃO

Esta monografia, que tem por objetivo mostrar as influências dos gregos na cultura judaica e como esses fizeram para resistir, na parte 2, “Helenismo e Cultura Judaica”, foram apresentadas as características da constituição do governo e cultura dos judeus e dos gregos, mostrou-se como os judeus foram criando sua forma de governo e de pensar, quais foram os desdobramentos, influências e acontecimentos que moldaram a cultura Israelita. Da mesma maneira, os gregos, ou seja, como eles deixaram de ser um conjunto de ilhas para se tornarem num dos maiores impérios e como influenciaram o mundo antigo de uma forma que todos os outros impérios não conseguiram.

Dos temas abordados, constatou-se que a busca pela sabedoria foi um

movimento internacional, que entre os judeus foi muito bem recebida e que num primeiro momento simbolizou o motivo do sucesso dos reis, mas que num segundo momento entrou em declínio pois não explicava a chegada dos imperialistas, o que simbolizou uma ameaça a perda da cultura pois os imperialistas se apresentaram com resposta que pareciam mais assertivas do que aquelas apresentadas pelos sábios. Isso gerou uma reação entre os sábios judeus em busca da manutenção da sua própria cultura, pois diferente da sabedoria dos outros povos, a dos Israelitas era revelada através da relação do homem com Javé e com a sua criação.

Na parte 3, "O Livro de Daniel", foram apresentadas as características do livro, como seu contexto histórico, autoria, datação, redação e temas. O livro é um grande desafio para o pesquisador pois é clara a presença de mais de um autor, em diferentes momentos, além da lógica pseudografia. Segundo a pesquisa, o personagem Daniel, ou '*Danel*', já faz parte da mitologia judaica como representante de ações justas e de um proceder correto. Dessa maneira, a pesquisa representa uma difícil busca por respostas, pois o texto foi escrito em 3 idiomas (grego, hebraico e aramaico) e é cheio de profecias '*ex-eventu*', ou seja, o autor toma uma linguagem apocalíptica para descrever uns acontecimentos que já estão no passado como se ainda fossem ocorrer.

Dos temas abordados, constatou-se que o livro de Daniel é um apanhado de história de muito valor, que foram reunidas por autor final com a intenção de mandar uma mensagem de resistência para os judeus que viviam no cativeiro grego, especialmente no período dos Selêucidas, governados por Antioco Epifânio para que eles resistissem as investidas imperialistas e aguardassem com expectativa a manifestação do Reino de Deus.

Na parte 4, "Breve Comentário sobre Daniel", foi apresentado comentários sobre algumas partes do livro, como seu primeiro capítulo onde claramente o autor critica a influência e aceitação dos judeus a cultura grega. Ele expõe como os judeus deveriam resistir aos hábitos alimentares e a aculturação estrangeira. Depois foi feita uma observação sobre a mensagem de esperança da chegada do Reino de Deus que destruiria os Impérios estrangeiros e implementaria um reino de paz e justiça divinos e por fim foi debatido as possibilidades sobre o termo 'Filho do homem' apresentado pelo escritor de Daniel e debatido pelos estudiosos a o que ele se referia, além de um comentário geral sobre a carta.

Dos temas abordados, constatou-se que o autor de Daniel tem suas intenções muito clara na construção do livro, ele não deseja ser fiel a fatos históricos ou as características das personalidades descritas, mas a intenção do autor nas histórias produzidas é passar uma mensagem aos judeus que estavam sobre dominação grega, tomando as histórias do judeu Daniel no império Babilônico e nos seguintes.

Concluindo, esta monografia contribuiu para que os leitores da bíblia possam enxergar a beleza do livro de Daniel. Descobrimo a real intenção do autor e entendendo melhor as histórias o leitor da bíblia poderá se maravilhar de perceber que o Senhor sempre está preocupado com o seu povo e que ceder as investidas do mundo sempre vai simbolizar um distanciamento de Deus.

Ao conhecer os dramas vividos pelos Israelitas com a chegada da cultura grega, e como essa cultura parecia ser superior a tudo que eles já tinham experimentado pode ajudar os cristãos do nosso tempo a perceberem que desde sempre o mundo apresentou excelentes ideias, que eram aceitas por todos e que criavam uma conexão entre os povos, porém erram vazias de significados para a alma humana e que a verdade que carregamos é a única que pode trazer sentido a existência.

Então acredito que esse trabalho tende a ajudar pessoas de todas as idades e em diferentes momentos a enxergarem o texto bíblico de Daniel com mais riqueza e detalhamento, de forma a levarem ao maior entendimento da real mensagem que o livro deseja transmitir.

Apesar de todas as contribuições apresentadas, esta temática ainda reserva investigações posteriores a respeito dos diversos temas apresentados no livro como a angiologia e o tema da ressurreição apresentadas pelo autor.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cazelles, Henri. História política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno. Tradução: Cácio Gomes. São Paulo. Paulinas. 1986

Donner, Herbert. História de Israel e dos povos vizinhos. 2.ed. Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997.

Otzen, Benedikt, O judaísmo na antiguidade: a história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o Imperador Adriano. Tradução: Rosangela Molento Ferreira. São Paulo. Paulinas. 2003

Koester, Helmut, Introdução ao Novo Testamento, volume 1: História, cultura e religião do período helenístico. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo. Paulus. 2005

Marconcini, Benito. Daniel, um povo perseguido procura as fontes de esperança. Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo. Edições Paulinas. 1984

Storniolo, Ivo. Como ler o livro de Daniel: Reino de Deus x Imperialismo. São Paulo. Editora Paulus. 4ª Edição, 2007

Delcor. Mathias, Le livre de Daniel. Paris. 1971

Silva, Rafael Rodrigues. Edição e Heresia: O livro de Daniel. São Paulo. PUC-SP. 2005

Fohrer, Georg. História da Religião de Israel. Tradução: Josué Xavier. São Paulo. Edições Paulinas. 1982

Donner, Herbert. História de Israel e dos povos vizinhos. 1.ed. Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997.

Helm, David. Daniel para você. Tradução: Thomas de lima. São Paulo. Vida Nova. 2018

Wolff, Hans Walter. Bíblia Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo. São Paulo. Teológica/Paulus, 2003.

Lindez, José Vílchez. Eclesiastes ou Qohélet. São Paulo: Paulus, 1999

Gunneweg, Antonius H. J. Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica. São Paulo. Teológica/Loyola, 2005.

Ceresko, Anthony R. A Sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora. São Paulo. Paulus, 2004.

Carmo, Solange Maria e Andrade, Aíla L. Pinheiro. Diálogos e tensões no judaísmo no período helenista. Belo Horizonte. 2019

Romer, Thomas; Macchi, Jean-Daniel; Nihan, Christophe. Antigo Testamento: História, Escritura e Teologia. Tradução: Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo. Edições Loyola. 2010

Bíblia de estudo de Genebra, São Paulo. Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Soares, Dionísio Oliveira. Hesíodo e Daniel: as relações entre o mito das cinco raças e o sonho da estátua de Nabucodonosor. Rio de Janeiro: Faculdade de Teologia da PUC, 2006.

Ramos, Marcus Vinicius. O livro Siríaco de Daniel: Texto, Tradução e Comentário. Brasília. Programa de Pós-graduação em História da UNB. 2014

Cazavechia, William Robson. Sabedoria e Educação na antiguidade: a literatura sapiencial judaica. IX EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar. Maringá. 2015.

Dias, Geraldo Coelho. Biblioteca de Alexandria: O Helenismo e a dinâmica cultural dos judeus. Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2009

Tsotsos, Efstathios. O Evangelho na Macedônica: a influência do mundo Helenístico para a preparação da plenitude do tempo através da profecia de Daniel (cap. 8-11). Revista Ensaios Teológicos. Volume 2. N° 2. 2016

Ziener, Georg. A Sabedoria do Oriente Antigo como Ciência da Vida: nova compreensão e crítica de Israel a sabedoria. In: SHREINER, J. Palavra e Mensagem do Antigo Testamento. SP: Teológica/Paulus, 2004. Capítulo XVII, p. 333-349